

| 227 | UM RIO, QUATRO CIDADES, ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA CULTURA AMBIENTAL E URBANÍSTICA

Andréa Auad Moreira

Resumo

O artigo pretende colocar em pauta algumas idéias e discussões realizadas nos Seminários Teóricos Avançados ocorridos entre março de 2010 a outubro de 2011, no curso de Doutorado em Urbanismo do PROURB|UFRJ, interfaceando as mesmas ao projeto de tese desenvolvido neste programa, que tem como objeto de estudo a presença do Rio Paraíba do Sul em quatro cidades do seu médio vale fluminense: Resende, Barra Mansa, Volta Redonda e Barra do Piraí. Neste trabalho, inicia-se um ensaio de identificação a partir de elementos que possibilitam inscrever manifestações culturais expressivas relacionadas ao rio, a cada cidade. Seleciona-se, especificamente aqui, o elemento PONTE, que se justifica por trazer para perto do rio os moradores, num movimento transversal ao seu curso. Assim, o rio atravessa as cidades e, a partir delas, é atravessado. As PONTES, presença material recorrente nas cidades estudadas da região do Médio Paraíba, sinalizam práticas culturais cotidianas e dão pistas aos planejadores ambientais e urbanos na atenção a ser dada às estruturas culturais pré-existentes que podem servir, por já estarem historicamente apropriadas pelos moradores do lugar, como recursos fundamentais na conexão entre natureza e artifício, entre rio e cidade.

Palavras-chave: Rio Paraíba do Sul; Requalificação Ambiental e Urbanística; Apropriação Cultural

Introdução

Este artigo pretende colocar em pauta algumas idéias e discussões realizadas nos Seminários Teóricos Avançados ocorridos entre janeiro de 2012 a outubro de 2011, no curso de Doutorado em Urbanismo do PROURB|UFRJ, interfacedo as mesmas ao projeto de tese desenvolvido neste programa, que tem como objeto de estudo a presença do Rio Paraíba do Sul em quatro cidades do seu médio vale fluminense.

A tese em questão, além de objetivar revelar a história ambiental e urbana deste rio no médio vale, pretende abordar também a dimensão cultural deste rio ao longo da formação social e urbana das cidades de Resende, Barra Mansa, Volta Redonda e Barra do Piraí e as possibilidades de requalificação ambiental e urbanística junto às suas margens.

As quatro cidades entretêm uma relação intrínseca com o rio, que é presença marcante na geografia de seu território e indutor potencial da sua ocupação urbana. Utilizado ao longo do ciclo cafeeiro do século XIX como leito de navegação e escoamento, o rio passa no século XX a fomentar a presença do ciclo industrial na região, além de significar fonte de recurso energético e de abastecimento de água de toda a região e para além dela (as

águas do Rio Paraíba do Sul são responsáveis também pelo abastecimento de grande parte da região metropolitana do Rio de Janeiro).

No caso específico da formação cultural destas cidades podemos dizer que, a presença do rio pode ser percebida nas mais remotas anotações históricas, literárias e iconográficas (poemas, desenhos, cartões postais, fotografias), mas é muito recente o reconhecimento e a apropriação da dimensão cultural e simbólica do Paraíba do Sul para os moradores destas cidades.



O rio, as pontes e a ocupação humana na área urbana central de Barra Mansa - 1948

Nos últimos dez anos, algumas iniciativas locais e regionais revelam de maneira expressiva o caráter simbólico do rio, sua estrutura física e ambiental delimitadora da paisagem e da morfologia de lugares marcados pela presença expressiva deste corpo hídrico que, de forma literal, atravessa as cidades e, de forma (in) direta, os seus moradores.

Os processos recentes de (re) qualificação urbanística de águas urbanas no panorama nacional e internacional inscreveram o principal argumento do projeto de tese em questão. Entretanto, ao final destes dois anos de doutoramento é possível perceber que não se pode querer (re) qualificar aquilo que ainda não se percebeu, de forma abrangente, a qualidade.

No bojo dos descuidos ambientais evidentes, revelados pelos estudos realizados pelos mais diversos campos disciplinares sobre o Rio Paraíba do Sul, há aspectos culturais ainda não revelados ou apenas dispensados pelas análises e compreensões técnicas que relacionam homens e rio. É possível prever, neste sentido, possíveis equívocos e impropriedades na formulação de projetos futuros de intervenções urbanísticas e ambientais nas áreas marginais do rio enquanto cidade.

Dentre estes aspectos culturais pode-se citar: a forma de ocupação marginal (diversidade de apropriações); o rio como depósito do que se quer dispensar (esgoto, lixo);

as relações de travessia inscritas pelas inúmeras pontes; a memória afetiva e relacional dos lugares; as manifestações culturais relacionadas ao rio; os lugares de “beira rio”; as nomenclaturas das cidades que evocam o rio; as relações permanentes e transitórias que se estabelecem no tempo presente.

Este artigo pretende, de forma preliminar, buscar compreender, através do suporte teórico selecionado, como se imbricam cultura e espacialidades urbanas e detectar algumas manifestações culturais significativas que devem ser reveladas diante da perspectiva iminente de transformação da paisagem cultural das áreas urbanas marginais ao Rio Paraíba, já prevista pelos órgãos oficiais nos três níveis da federação¹.

A relação do espaço urbano com a cultura

Nos processos contemporâneos de (re) qualificação dos espaços urbanos, a cultura tem assumido papel preponderante (nem sempre de forma legítima) como promotora da regeneração e apropriação do espaço-lugar.

Assim, entendendo não ser possível existir cultura sem um território e sem um grupo social, as propostas e processos de (re) qualificação Ambiental e Urbanística a serem pensados de forma legítima, devem passar, inexoravelmente, por uma leitura e compreensão diversificada e abrangente dos aspectos físicos e espaciais, mas também dos aspectos sociais e culturais que articulam sujeitos e território.

As questões que relacionam cultura e cidade são muito importantes para que se compreendam os processos de apropriação ou não apropriação dos territórios materiais do espaço urbano, com os quais lidam na prática arquitetos e urbanistas. Neste sentido, a apropriação do espaço está diretamente ligada à construção cultural do sujeito, aos seus modos de convivência, compreensão e entendimento deste espaço, dos significados e dos sentidos atribuídos ao mesmo por ele. Assim, através da valorização cultural, mais do que conviver com o espaço, os sujeitos podem ser levados a se apropriarem dele.

¹ No Final do ano de 2010, o Ministério Público Federal acionou as prefeituras de Barra Mansa e Volta Redonda, assim como seus moradores, com a intenção de ver cumprida a Lei do Código Florestal que estabelece como **Faixa Marginal de Proteção (FMP)**, 100,00m da margem do Rio Paraíba do Sul. Coincidentemente, também a Secretaria de Patrimônio da União quer ter a noção exata de como está sua área de abrangência junto ao Rio e realiza um levantamento aerofotogramétrico de toda a extensão nas duas cidades, com vistas a tributar a área de marinha ocupada ilegalmente, causando também um alvoroço social. Este é também um momento que marca, a nível nacional, a revisão do Código Florestal. No contexto atual, a discussão sobre os procedimentos legais que incidem sobre as Áreas de Preservação Permanente (**APP**) em áreas urbanas consolidadas se dá de maneira ainda incipiente e por vezes contraditória, apesar das inúmeras demandas sociais e ambientais colocadas em todo o território nacional. Bem longe disso estão sendo pensadas as questões culturais que demarcam as características específicas de cada espaço e lugar a ser considerado.

Disseminados, os aspectos culturais se revelam nas relações humanas com o espaço e é neste viés que residem as alteridades a serem percebidas pelos planejadores e projetistas, avançando na qualidade e na pertinência dos projetos propostos. Qualificar o espaço é, neste sentido, tornar visível, oportunizar algo que já existe potencialmente.

Mais uma vez aqui, a identificação da espacialidade da cultura depende de uma leitura abrangente deste arquiteto observador. De que cultura estaríamos nos referindo (alta, baixa, popular, alternativa, central, periférica) em que lugar ela se manifesta (regulares, irregulares, dos mais ricos, dos mais pobres, da tradição, da espontaneidade, no centro, na periferia).

No caso específico das áreas marginais ao Rio Paraíba do Sul nas cidades do seu médio vale, as relações da espacialidade da cultura nos parecem um dos caminhos apropriados a seguir em busca de compreender e analisar como se dá a qualidade dos espaços que se deseja manter ou transformar.

Para este trabalho consideramos principalmente a leitura de autores que oportunizam a elasticidade e a flexibilização necessárias para as reflexões pretendidas, destacam-se:

Heloisa Soares de Moura Costa, arquiteta e urbanista envolvida com a interface entre planejamento urbano e ambiental, se coloca no lugar da mediação das questões que envolvem os princípios e perspectivas de ambos os campos. Heloisa faz refletir sobre a construção do urbanismo contemporâneo:

É interessante enfatizar a importância atualmente dada aos processos sociais urbanos (também entendidos como culturais e ambientais), muitas vezes materializados em manifestações formais conhecidas, mas que traduzem diferentes formas de sociabilidade e novos usos para os espaços. Muitas vezes, formas “novas” correspondem de fato a manifestações (geralmente) mais perversas, embora não necessariamente, do funcionamento do sistema econômico/político/cultural, ou formas que visam potencializar o consumo do e no espaço, como inúmeras renovações urbanas que utilizam até hoje a bem sucedida fórmula lazer-turismo-consumo-história. (Costa, 1999. p.06)

Carlos Fortuna e Augusto Santos, sociólogos, refletem sobre as intermediações entre espaço urbano contemporâneo e a cultura, no texto selecionado para leitura:

É difícil imaginar que, se politicamente pretendida, a preservação das culturas locais e das identidades das cidades possam ser alcançadas, nos nossos dias, por intermédio de qualquer autarquia cultural, avessa à negociação e ao contato com outras formas e arranjos políticos e culturais. Tal decorre de fato de a cidade que conhecemos hoje, saída das transformações importantes ocorridas na era da industrialização, ser sinônimo de heterogeneidade social e cultural. De relativização de perspectivas e de afirmação de enorme

diversidade de estilos e comportamentos sociais. (Fortuna e Silva, 2002. p.422)

Christian Topalov (1997), sociólogo e historiador, detecta, analisa e faz refletir sobre a construção dos novos princípios paradigmáticos advindos da dimensão ambiental sobre os processos urbanos contemporâneos.

Planejadores e ambientalistas têm, talvez, apesar de tudo, algo em comum que é a crença no poder racionalizador da ciência. Com toda a certeza, a angústia da catástrofe ecológica veio substituir a da questão social. No entanto, como pensar as catástrofes e não ser segundo o modo de prevenção e, portanto, da previsão? Os especialistas desta, ontem como hoje, estão colocados no centro do dispositivo a ser instalado para a sobrevivência – ontem da sociedade, hoje do planeta. A questão que permanece aberta é a do braço secular desses novos clérigos (Topalov, 1997.p.42)

A conjugação das dimensões complexas e heterogêneas que envolvem a cidade e a cultura ambiental e urbanística auxiliam a compreender um pouco melhor os territórios tão próximos fisicamente e tão complexos culturalmente nas áreas urbanas de Resende, Barra Mansa, Volta Redonda e Barra do Pirai.

A cultura vigente e a noção de “degradação” cultural porque passam as nossas cidades hoje nos demanda, como técnicos ligados às questões urbanas, ambientais e culturais a realização de avaliações permanentes em busca de apontar saídas para o trato da vida coletiva nas cidades, mas é bom que nos entendamos ser, como arquitetos e urbanistas, apenas parte dos agentes nestas avaliações. Neste sentido, estabelecem-se questões a todo tempo: como perceber e avaliar a cultura de um lugar; que dimensões e atores sociais se incluem nesta análise, como realizar análises que abarquem a diversidade e a pluralidade de possibilidades culturais.

Ainda dentro dos questionamentos próprios deste tema, quem estabelece os parâmetros das análises pretendidas: técnicos; intelectuais; moradores; administradores; políticos. Por quem, para quem, em que circunstâncias esses argumentos são utilizados são questões a serem pensadas quando da elaboração de planos, projetos, legislações, dentre outras prospecções e projeções no campo ambiental e urbanístico.

No cerne do conceito de reestruturação e interferência num tecido urbano existente, depara-se com a relação delicada de manutenção ou de substituição cultural de quem vai dar a este espaço o sentido identitário e cultural do lugar, os seus habitantes. Poderá haver sempre um meio termo propositivo entre sociedade e planejadores ambientais e urbanos. O que manter e o que resignificar?

Tendo como pressuposto que uma nova possibilidade não desconsidera a anterior, é possível tratar as pré-existências culturais (relações sociais, econômicas, políticas,

urbanísticas e ambientais com o território) como parte do processo de reflexão sobre o que se quer modificado e não como negação ou substituição do que se julga impróprio ser incorporado. Este argumento se vincula ao fato de que se acredita nas mudanças estruturais como um longo e intenso processo de apropriação.

Parece importante estar consciente de que ao propor novas formulações urbanísticas a partir do viés da “sustentabilidade” ficam implícitos novos desafios para o contexto político, econômico e social e, de forma conseqüente, para a construção cultural. Não podemos nos esquecer que a cultura pré-existente impacta também a constituição destes contextos. Assim ao anunciarmos mudanças na política, na economia, na sociedade, podemos ver anunciado em processo mudanças na cultura da moradia, do consumo, da convivência humana, da produção e aquisição de alimento, do trabalho, da mobilidade, do lazer, dentre outros inúmeros aspectos.



O Rio Bananal deságua no Rio Paraíba. Foto aérea, acervo PMBM, 2001

O desafio e a oportunidade para os estudiosos e planejadores contemporâneos está então em como propor novas culturas de cidade sem impor novas culturas de cidade? Como fazer conviver a multiplicidade cultural, como trabalhar a aceitação e a conexão das diferenças?

Haverá sempre um crédito a ser dado às proposições urbanas, tais como as das cidades sustentáveis, que coloquem a ética e o interesse coletivo acima dos interesses individuais e por vezes excludentes. Novas referências de vida em sociedade devem ser conhecidas, vivenciadas, apresentadas como propostas de transformação e renovação cultural, mas não há como assegurar serem sempre pertinentes, apropriadas e aceitas como “modelos” culturalmente. Haverá sempre, do mesmo modo, relações culturais pré-existentes das mais diversas a serem consideradas, mesmo que possam ser julgadas inadequadas ou

“insustentáveis” (costumes, hábitos, crenças, procedimentos) a serem percebidas, discutidas, mediadas, intercambiadas e, por que não, reformuladas em processo.

A necessária inscrição da dimensão cultural nos planos e projetos de “regeneração” ambiental e urbanística

Uma necessidade de repensar as formas de relação e ocupação humana se apresenta nas aglomerações urbanas em todo o mundo nas últimas décadas do século XX, tornando-se um desafio para o século XXI que se inicia.

Efetivamente, a tese de doutorado em desenvolvimento, objetiva pesquisar e refletir sobre a estrutura histórica e cultural destas cidades em estudo relacionando seus habitantes ao rio, prospectando, especialmente, a maneira como tecnicamente e culturalmente o planejamento urbanístico e ambiental tratou o Paraíba do Sul na longa duração, com vistas a enunciar algumas proposições.

Nos últimos 20 anos, quando a questão ambiental se coloca como desafio para o planejamento das cidades brasileiras, a relação destas cidades com os recursos naturais, especificamente com as águas urbanas, se altera e aponta perspectivas de mudanças significativas, que podem também serem percebidas e analisadas nas cidades em estudo.

As quatro cidades focalizadas pela pesquisa almejada possuem um desgaste expressivo em seu território natural, ocasionado pela ocupação territorial de seu ciclo industrial que ocorreu em boa parte dos casos, de forma não planejada e irregular. No que diz respeito à ocupação marginal do Rio Paraíba do Sul, objeto a ser trabalhado pela pesquisa, estas cidades apresentam áreas potenciais a ser (re) qualificadas, podendo ser revertido ou consolidado o processo de ocupação. Diante da presença estrutural do rio nas quatro cidades, pensá-lo como articulador de transformações urbanas sustentáveis parece ser uma oportunidade imperdível para os sujeitos mais atentos a essa questão.

O desenvolvimento e a implementação de planos, projetos e programas recentes oportunizam o contato físico e sensorial do rio com os moradores. Estas intervenções dão conta, mesmo que de maneira singela e desarticulada, de aberturas visuais e paisagísticas que reorientam a percepção visual dos moradores destas cidades com relação à presença marcante e os principais problemas do Rio Paraíba do Sul nos territórios urbanizados.

Destacam-se, neste sentido: os projetos de reestruturação urbanística e ambiental das áreas livres públicas junto ao rio; o transporte fluvial turístico em Resende; os programas de reflorestamento das margens do Rio Paraíba do Sul e de seus afluentes; programas ligados à Biodiversidade, Florestas e Recursos Hídricos; desenvolvimento de Políticas Públicas e

Integração Institucional; limpeza e conservação dos afluentes; inúmeros programas de educação ambiental desenvolvidos nas quatro cidades.

Estas intervenções, entretanto, trazem em suas concepções (desenhos, materialidade construtiva, tecnologia, concepção conceitual) ainda pouca reflexão sobre as possibilidades de se tornarem mediadoras de uma mudança realmente transformadora da forma de percepção dos moradores sobre a importância histórica, paisagística, ambiental e cultural representada pelo Rio Paraíba do Sul.

Ao não serem incluídos como formuladores, os moradores das cidades não atribuem a estas intervenções significados expressivos, não percebendo nelas instrumentos de reorientação de posturas, comportamentos, relacionamentos entre eles e os recursos e espaços urbanos e naturais. Há uma compreensão apenas tangencial do discurso enunciado institucionalmente que não deixa claro, por não refletir sobre o porquê e o que é mesmo preciso preservar.

Além disso, percebe-se que o rio e suas questões, na maior parte das vezes, não é protagonista, mas ator coadjuvante nas ações pensadas para cumprirem apenas uma agenda política ligada à idéia de engajamento institucional no que consideram ser desenvolvimento urbano “sustentável”.

Tem-se consciência que nas cidades selecionadas os processos de reorganização paisagística, ambiental e urbanística às margens do Rio Paraíba do Sul não acontecerão, necessariamente, de forma integrada, articulada e democrática, podendo incorrer no sério risco de se darem de forma aleatória e pouco criteriosa. Neste sentido, o projeto e o desenvolvimento da tese se colocam diante do desafio de subsidiar este processo e apontar caminhos que auxiliem a organização de processos técnica e socialmente mais críticos, fundamentados, integrados e democráticos, capazes de fato, de reorientarem ações mais “sustentáveis” também social e culturalmente.

Dentre as questões a serem debatidas socialmente quando da oportunidade de intervenções “qualificadoras” junto à área marginal ao Rio Paraíba do Sul uma coloca-se como central: para que e para quem intervir – a quem e de que maneira atingirá as intervenções ambientais e urbanísticas a serem propostas.

A valorização dos espaços públicos (coletivizados, abertos, democratizados) em detrimento dos espaços privatizados, fechados, vigiados, comercializados devem ser estrategicamente perseguidas e privilegiadas e, sobretudo é preciso ter em mente que espaços “revitalizados” vazios de significados, vazios de relações sociais, vazios de sentido, dificilmente serão apropriados pela população. Assim, uma atenção especial deve ser dada à

busca de constituir espaços plurais em contraponto aos espaços uniformes e reduzidos. Quando tiramos dos lugares a diversidade agudizamos as diferenças. Este procedimento certamente será responsável por evitar processos de gentrificação, exclusão e lateralização decorrentes das possíveis valorizações imobiliárias ocorridas a partir da implementação de projetos de requalificação ambiental e urbanística nas cidades em questão.

Atenção especial também deverá ser dada às resistências às mudanças por parte da população moradora da área marginal e para além dela, que podem ser sinais reveladores para as decisões sobre o que, o quanto e como mudar. Nas áreas marginais às águas urbanas consolidadas estabelecem-se cidadanias disputadas, objetos de conflitos sociais e políticos dispersos. Os planejadores devem estar preparados para a escuta do que enuncia os múltiplos atores envolvidos na questão.

Especificamente sobre a presença da cultura nos processos “qualificadores”, a contribuição a ser dada pelo trabalho de tese poderá ser a identificação e localização das práticas e manifestações culturais (materiais e imateriais) existentes ou potenciais, não necessariamente presentes só nos equipamentos culturais institucionalizados.

Há práticas e manifestações a serem observadas, lidas como texto, acolhidas e inseridas de forma diversificada. Deste modo, a utilização do recurso à exibição da cultura através de equipamentos culturais propostos como âncoras dos projetos de reabilitação ambiental e urbanística não será apenas um pretexto, um meio, uma tentativa de alcançar um suposto “desenvolvimento”. A ação poderá ser mais do que promover equipamento de consumo cultural, e sim a promoção efetiva de espaços de produção cultural, independente da escala, localização e complexidade.

Nos processos de intervenção onde são previstas alterações urbanísticas e sobre a paisagem, é preciso o esforço dos planejadores em se colocar na zona de intermediação, não na zona do paradoxo, mas na proximidade relacional entre o que era, o que permanece e o que se transforma nos espaços e na cultura do LUGAR.

Práticas e manifestações culturais: reconhecer, conhecer, revelar

Na questão central que mobiliza a realização da tese está a possibilidade de mediar e levar a perceber algumas reflexões que penso sejam “qualificadoras” para o trabalho de urbanização nessas cidades, tais como: a paisagem urbana relacionada ao rio, as oportunidades de viver a interação cidade-rio, o saneamento ambiental, o controle sustentável do território que possa ser a base sobre a qual se estabeleçam os desejos coletivos das cidades no tempo presente e futuro.

Para tanto, a idéia é estudar sobre o papel do rio Paraíba do Sul na conformação física, mas também cultural das quatro cidades. Tentar fazer o caminho de volta, quando o rio era a presença morfológica mais importante nestes territórios, verificar sobre o seu poder de atração e indução e o papel físico e cultural representado hoje por ele para pensar qual poderá ser “sustentavelmente” o de amanhã.

Prospectar, analisar e ter condições de propor a partir de uma situação dada não só ambientalmente e urbanisticamente, no sentido estrito, mas com toda a carga cultural inscrita no que foi estruturado e constituído como cidade. Neste sentido, todas as questões levantadas neste trabalho me parecem pertinentes para fazer pensar o objeto de estudo em questão.

Em especial, o reconhecimento das práticas e manifestações culturais oportunizadas pela presença do Rio Paraíba do Sul nas quatro cidades estudadas será de enorme pertinência para as análises pretendidas e requer a construção de uma metodologia a ser iniciada aqui e, em processo, melhor apreendida com vistas a mapear, de maneira mais abrangente, práticas e manifestações culturais mais expressivas e em que lugares, sujeitos, palavras e representações elas poderiam ser identificadas.

Propõe-se aqui um exercício de identificação e análise, composto metodologicamente ainda de forma preliminar, a partir de algumas questões enunciadas: como reconhecer, para conhecer e revelar socialmente e aos projetos, as práticas e manifestações culturais mais expressivas que guardam estruturas materiais e imateriais; quais os aspectos culturais a serem considerados, como perceber a presença da cultura nos lugares e como fazê-la permanecer, apesar de intervir; como os projetos para a re-criação dos espaços urbanos nas áreas marginais ao rio podem preservar e afirmar a idéia de lugar (a ser apropriado, vivenciado e percebido culturalmente).

A constituição física das quatro cidades estudadas passa, invariavelmente, pela presença determinante do Rio Paraíba do Sul, ao qual devem à riqueza energética e de abastecimento de água numa instância, e a expressiva geografia e paisagem natural e cultural em outra. O rio, originalmente, conforma e singulariza essas cidades como espaço urbano e traduz-se como elemento substancial para a construção da imagem e identidade cultural destes lugares.



Resende



Barra Mansa



Volta Redonda



Barra do Pirai

O Rio Paraíba do Sul nas quatro cidades selecionadas para análise. Imagem: Andréa Auad, 2007

A presença do Rio Paraíba do Sul, ao longo da constituição urbana das cidades a serem estudadas, nem sempre foi sentida e percebida da mesma maneira. De um passado agrário, onde eram transportadas em seu leito as sacas da produção cafeeira, ao período de formação industrial, onde sua presença se fez determinante como recurso hídrico, estabelecem-se relações urbanas diferenciadas com o rio: na forma de ocupação de suas margens, na sua percepção como paisagem natural e edificada; na percepção de seu efeito indutor da ocupação, que inscrevem tanto a centralidade quanto a dispersão urbanas ao longo do processo de urbanização de cada uma das cidades em questão.

Assim, podem-se identificar alguns elementos materiais remissivos à presença do rio recorrentes nas quatro cidades analisadas: pontes, avenidas beira-rio, ocupação regular, ocupação irregular e/ou espontânea, várzeas, edifícios industriais, saídas de esgoto doméstico, equipamentos de dragagem, elementos da flora, elementos da fauna, série de cartões postais, poemas, logomarcas que inscrevem a imagem do rio, dentre outros.

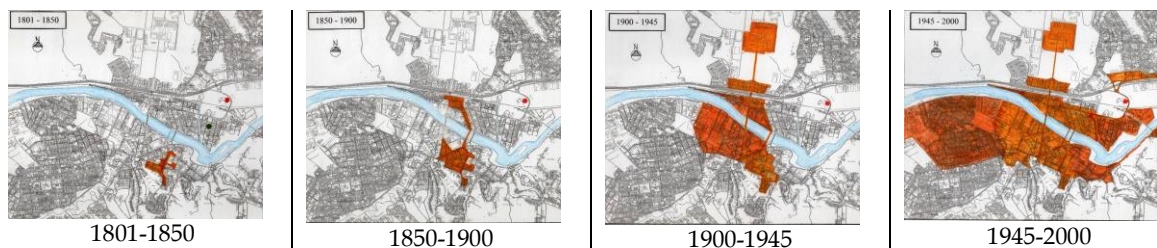
Há também elementos imateriais remissivos recorrentes: festas de padroeiros; histórias orais que remetem às memórias de um rio vivenciado, imaginado, adorado, rejeitado; a origem da população ribeirinha e a apropriação culturalmente diferenciada do mesmo a cada território urbano ocupado à sua margem.

Neste trabalho, é possível um ensaio de identificação de elementos que possibilitam inscrever manifestações culturais expressivas relacionadas ao rio, a cada cidade. Seleciona-se especificamente aqui o elemento PONTE, que se justifica por trazer para perto do rio os moradores num movimento transversal ao seu curso. Assim, o rio atravessa as cidades e, a partir delas, é atravessado.



Cartão Postal de Barra do Piraí, c. 1917. Acervo: Centro Cultural de Barra do Piraí

Os moradores das quatro cidades se utilizam cotidianamente das pontes através das quais se revelam as paisagens urbanas mais expressivas de cada uma delas. As pontes também se traduzem como referência cultural de valor simbólico expresso em todas as principais representações identitárias destas cidades (cartões postais, poemas, logomarcas, dentre outros elementos iconográficos e textuais). Sua utilização como elemento de afirmação, articulação e conexão social e cultural com o rio poderá ser expressivamente utilizada em projetos urbanos que as considerem não só como signos de apropriação no nível local, mas também regional. Numa breve identificação e análise deste elemento e sua significação, a cada cidade, revelam-se aspectos que podem subsidiar ações projetuais futuras.



Quadro 01 - Evolução urbana | Ocupação Marginal do Rio Paraíba do sul em Resende. Moreira, 2007.

Em Resende, o Rio Paraíba do Sul atravessa toda a área urbana da cidade e nesse

trecho pode-se apreciar o seu curso e sua paisagem em torno das duas pontes que ligam as suas margens.

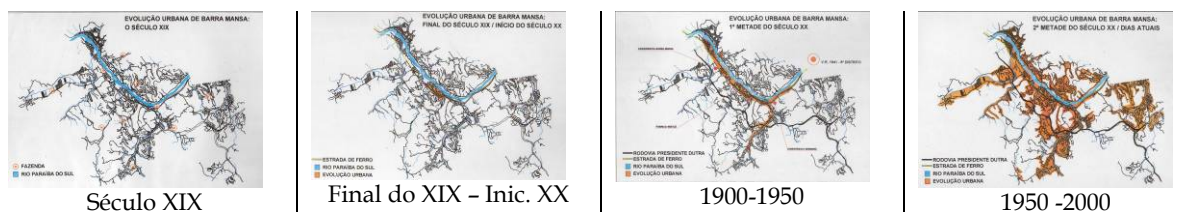
O rio aparece como o mais importante elemento estruturador da paisagem urbana e a proteção histórica e cultural de grande parte de sua área marginal disponibilizam uma leitura sua não como obstáculo a ser transposto, mas como signo identitário presente nos cartões postais, nas logomarcas, nas mostras locais.

A ponte metálica, construída no início do século XX (1905), define o espaço urbano e a ligação entre os “dois lados” deste lugar Resende. Rio e ponte se confundem em um único signo urbano e cultural. A ponte reforça a presença do rio na paisagem urbana e o rio, pela sua exuberância dá a ela a afirmação da sua importância para a ligação de duas espacialidades urbanas distintas e fundamentais para o reconhecimento territorial e cultural de Resende – os dois centros, o histórico, onde se encontram as edificações que marcam a ocupação original da cidade, e o comercial, onde se assentam as manifestações edificadas que marcam a renovação urbana da cidade.



Ponte Metálica Nilo Peçanha. Acervo Prefeitura Municipal de Resende e Ponte Metálica em 2012.
Foto: Andréa Auad, 2007.

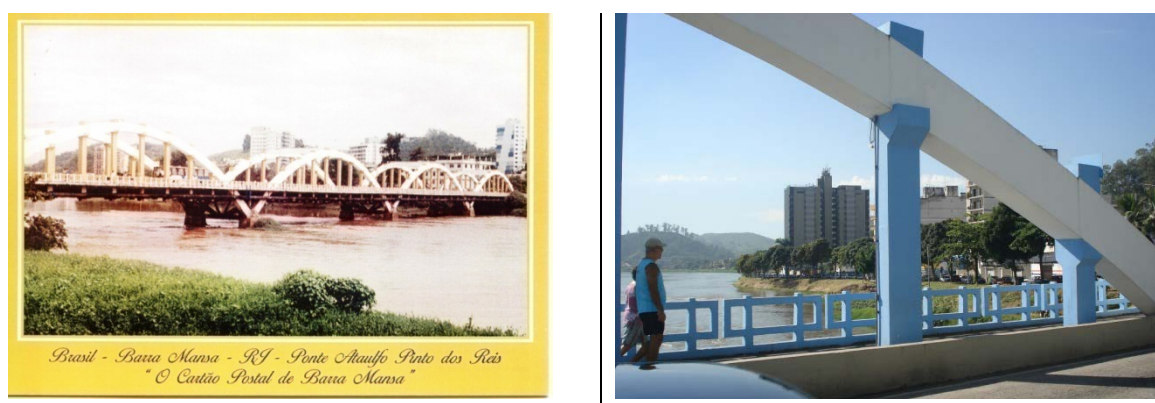
Em Barra Mansa, a ocupação urbana do território, desde os primórdios (1774), foi induzida pela presença marcante do Rio Paraíba do Sul. Ao longo do século XIX, com a cultura cafeeira e do século XX, marcado pela industrialização, as margens do Rio Paraíba foram sendo ocupadas pela crescente população da cidade.



Quadro 02 – Evolução urbana | Ocupação Marginal do Rio Paraíba em Barra Mansa. Moreira, 2007.

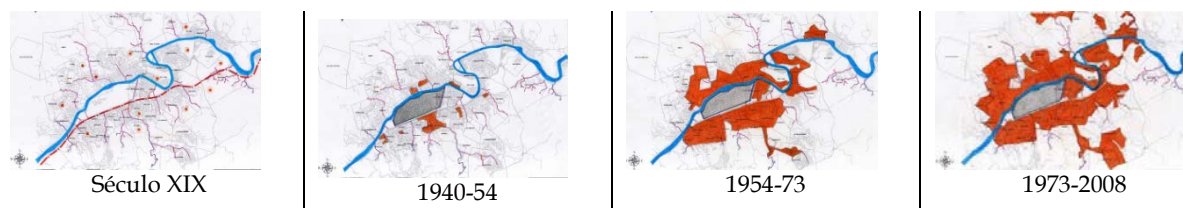
Barra Mansa representa, dentre as quatro cidades selecionadas, a mais densamente ocupada junto ao rio e aquela com os maiores problemas de infra-estrutura. As pontes se multiplicam na área urbana consolidada ligando vários bairros centrais e periféricos da cidade, também atravessados pelo Rio. Seleciona-se aqui a ponte de maior apelo simbólico, aquela reconhecida pelos moradores com a ponte dos arcos de “Barra Mansa”.

Desde a sua construção , em 1957, a recorrência da imagem da “ponte dos arcos” nos cartões postais da cidade diz da representação da mesma para o desenvolvimento e ampliação das possibilidades de desenvolvimento urbano no período que marca seu apogeu industrial e seu conseqüente adensamento para além do centro urbano principal. A passagem cotidiana pelos arcos emoldura os cenários múltiplos de Barra Mansa e fazem, cotidianamente, perceber imagética e identitariamente a relação cidade-rio.



Ponte dos Arcos. Acervo André Couto, 1975 e Pnte dos Arcos em 2012. Foto: Andréa Auad, 2007.

Em Volta Redonda, o Paraíba do Sul domina boa parte da paisagem urbana da cidade, no seu trecho de ocupação menos planejada (a margem esquerda do Rio, fora dos limites da Vila Operária, projetada por Atílio Correa Lima). O rio é o corpo receptor natural de toda a malha hidrográfica do município conformando o grande manancial de que a cidade e a região dispõem para seu abastecimento.



Quadro 03 – Evolução urbana | Ocupação Marginal do Rio Paraíba em Volta Redonda. Moreira, 2007.

O território urbano é medianamente ocupado na área marginal, mas nem sempre as áreas livres permitem o acesso físico ou visual ao Rio Paraíba do Sul. Uma das poucas e mais expressivas áreas livres de apreciação do rio em Volta Redonda são as pontes, estruturadas com o apelo desenvolvimentista industrial e moderno determinado pela presença da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN.

A ponte selecionada, construída na década de 1960, dá acesso a pedestres e veículos e liga as duas margens culturalmente diferenciadas, representando também, esteticamente, a força da cidade industrial e moderna sobre o Rio Paraíba do Sul.

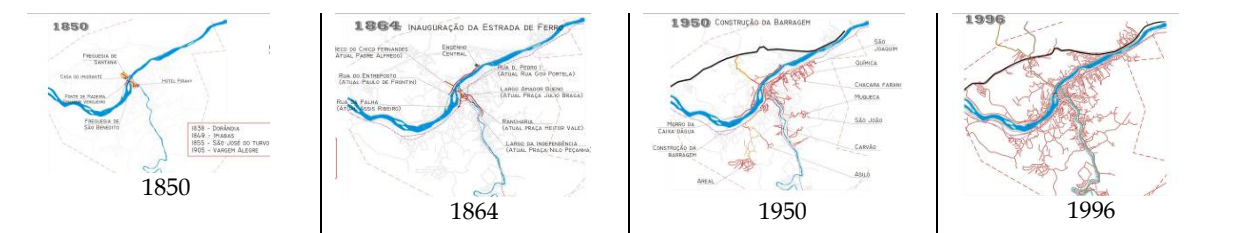
Constituindo-se de um suporte funcional eficiente para a transposição, em especial dos automóveis, essa e as demais pontes existentes em Volta Redonda não convidam os pedestres, possíveis espectadores da paisagem conformada pela cidade e o rio, a atravessá-las. As duas margens do Rio Paraíba do Sul são assim apenas conectadas por projetos de pontes que “abrem mão”, não tiram partido da presença do rio na conformação urbana da cidade.



Viaduto da Ponte Alta. Acevo PMVR, Década de 1960. Ponte do Aterrado. Foto: Andréa Auad, 2007.

Barra do Pirai cresceu e se desenvolveu também às margens do Rio Paraíba do Sul que se encontram hoje, na área urbana do município, quase que em sua totalidade ocupadas. Há um adensamento expressivo às margens do rio na área central que vai se dispersando ao alcançar as áreas periféricas. O Rio traduz-se de uma paisagem despotencializada hoje pelo pequeno volume de água que apresenta neste trecho devido às barragens e transposições,

não sendo mais considerado como força paisagística tão positiva para a cidade.



Quadro 04 – Evolução urbana | Ocupação Marginal do Rio Paraíba em Barra do Pirai. Moreira, 2007.

Próxima à barra do Rio Pirai, que deságua no Rio Paraíba do Sul, a ponte metálica se apresenta como expressiva força plástica que inscreve referência paisagística e identidade cultural para o lugar, desde o final do século XIX (1898).

Também desde a sua construção, em 1898, cumprindo a função de passagem dos trens da Rede Mineira de Viação, até hoje, com a passagem de pedestres e veículos, a cidade a tem como símbolo de desenvolvimento urbano e jamais abriu mão dela, reforçando-a com sucessivas pinturas e projetos de iluminação que reiteram o desejo da população e de seus dirigentes de fazê-la permanecer. Os dois lados da cidade se articulam a partir dela que ainda inscreve uma Barra do Pirai punjante e viva.



Ponte metálica, 1917, Acervo Centro de Cultura de BP, e Ponte metálica Acervo PMBP, 2010.

As PONTES, presença material recorrente nas cidades estudadas da região do Médio Paraíba, sinalizam práticas culturais cotidianas e dão pistas aos planejadores ambientais e urbanos na atenção a ser dada às estruturas culturais pré-existentes que podem servir, por serem já apropriadas pelos moradores do lugar, como recursos fundamentais na conexão entre natureza e artifício, entre rio e cidade. Tratá-las como veículos de articulação entre sujeitos e rio deverá ir além de apenas tratar seus aspectos infraestruturais como vias de transposição. Há um caráter simbólico e identitário nestes elementos a ser potencializado e afirmado cotidianamente e que pode auxiliar no reconhecimento e revelação da qualidade ambiental, urbanística e paisagística atreladas ao Rio Paraíba do Sul nas cidades em questão.

Assim, a qualificação urbana do entorno das pontes, o cuidado e a proteção com a paisagem fluvial que se descortina a partir delas, sua qualidade estética e formal, o conforto para a passagem de pedestres e, sobretudo, sua relação de vinculação com a presença do rio na estrutura das cidades, poderão fazer das PONTES espaços privilegiados de observação e interação social.

Considerações Finais

As propriedades do discurso da salvaguarda do meio ambiente não serão radicalmente diferentes das propriedades do discurso do planejamento racional? Este é o resultado de uma construção histórica antiga que deu uma linguagem comum a inúmeros atores sociais, poderosos e diferentes, e marcou profundamente a modernidade do século XX. Seremos, hoje, as testemunhas de uma ruptura cognitiva e prática de amplitude comparável à da substituição de um paradigma por outro? (Topalov, 1997. p.21).

Topalov nos alerta para o risco de nos colocarmos à disposição da dicotomia que parece se estabelecer entre planejadores urbanos e ambientalistas. Acredita-se, entretanto, que a conexão e a hibridação entre esses dois e outros campos disciplinares de reflexão deva ser buscada, no sentido de dar conta da complexidade inscrita na cidade e nos sujeitos contemporâneos.

Neste sentido, outras dimensões de análise e proposição devem se juntar aos projetos e propostas de produção social de espaços urbanos “sustentáveis”, carregados intrinsecamente de um sentido de transformação cultural. Vivemos em espaços urbanos que se estabeleceram nos últimos séculos sob a égide da dominação humana sobre a natureza. Como pensar hoje sob um novo paradigma, não de dominação, mas de conjugação?

A Alternativa tem sido a valorização da metáfora da hibridação ou da contaminação que assinala o surgimento de categorias compósitas, seja no domínio das identidades dos sujeitos, seja nas expressões artísticas ou literárias, ou nas próprias concepções dos tempos e dos espaços. (Fortuna e Silva, 2002. p.447)

Como nos fazem refletir FORTUNA e SILVA, uma das alternativas a serem colocadas é o estabelecimento de um novo arranjo, de uma nova relação, não de dominação, mas de pertencimento, compartilhamento e apropriação. As possibilidades de transformação dos espaços urbanos contemporâneos através dos projetos de “requalificação ambiental e urbanística” são muitas e a demanda dos profissionais ligados à construção das cidades não deve prescindir de uma atitude de mediação e ampliação de leituras.

Conjugar e mediar formas de viver e fazer conviver cidades, sociedades e natureza. Mediar também a preservação daquilo que não será, em alguns casos, pertinente transformar, posto que inscrito como identitário e singular. A atitude de mediação está relacionada a uma reflexão da ética com que se estabelecem as relações humanas – como se relacionam os homens entre si e os homens com os espaços urbanos, os homens com a natureza, ressaltando que as ambiências naturais e culturais são inseparáveis, especialmente quando o assunto é cidade.

Um desafio instigante, principalmente se, como planejadores (ambientais e urbanos), estivermos imbricados na prática cultural, na qual interessa mais o processo e menos o produto, o projeto acabado. Ao nos entendermos como sujeitos formuladores de cultura, corremos menos o risco de naturalizar a idéia de que os projetos formulados tecnicamente, como produtos, podem abrir mão das formulações que consideram múltiplas dimensões, atores, práticas e manifestações culturais em processo de permanência e transformação. Planos e projetos que podem funcionar, verdadeiramente, como PONTES de ligação e reforço de significação entre os sujeitos, a natureza, a cultura do Lugar.

Bibliografia

Costa, Heloisa Soares de Moura, 1999. *Desenvolvimento Urbano Sustentável: uma contradição de termos*. In Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. Publicação semestral da ANPUR (maio/novembro) Número 2.

Fortuna, Carlos e Silva, Augusto S., 2002. *A cidade ao lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural*. In.: SANTOS, Boaventura de S. (org.), *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo, Cortez, pp. 419/474.

Moreira, Andréa Auad, 2007. *“Processo de Ocupação Marginal do Rio Paraíba do Sul nas Cidades do Sul Fluminense – Consolidações e Reversões Possíveis”* – Relatório da pesquisa aprovada e concluída em 2007. Volta Redonda: Centro Universitário Geraldo Di Biase.

Moreira, Andréa Auad, 2008. *“Áreas de Preservação Permanente do Rio Paraíba do Sul: Propostas de Planejamento Ambiental e Urbanístico”* – Relatório da pesquisa aprovada e concluída em 2008. Volta Redonda: Centro Universitário Geraldo Di Biase.

Topalov, Christian, 1997. *Do planejamento à ecologia: nascimento de um novo paradigma de ação sobre a cidade e o habitat?* Cadernos IPPUR, ano XI, nos. 1 e 2, jan-dez.